

## A PEDAGOGIA IDEAL DA *ARETÊ* NA MORTE DE SÓCRATES

THE IDEAL PEDAGOGY OF THE *ARETÊ* IN SOCRATES DEATH

Paulo Moutinho Barroso \* ([pbarroso1042@gmail.com](mailto:pbarroso1042@gmail.com))

### RESUMO

Este artigo sublinha a importância da *aretê* como ideal pedagógico e prática cultural na formação do indivíduo. Para isso, reporto-me à cultura clássica e ao legado histórico e referencial que as sociedades contemporâneas e ocidentais podem usufruir. Designadamente a um dos episódios mais marcantes do apogeu da racionalidade na Antiga Grécia: a morte de Sócrates, segundo o *Crítion* de Platão, como pedagogia ideal da *aretê*. Nesta perspectiva eminentemente teórica, a metodologia que melhor conduz à prossecução do objectivo proposto baseou-se na releitura, análise, compreensão e interpretação de várias obras de referência consideradas indispensáveis para a mencionada temática. Os resultados deste meu artigo reflexivo passam essencialmente pela conclusão de que a *aretê* serve como ideal pedagógico e prática cultural de um "eu" conforme determinados padrões conceptuais de excelência. Assim, considero que um dos maiores méritos da cultura clássica foi ter percebido que o homem é educável porque, precisamente, é modificável. A possibilidade de modificar o homem faz parte do projecto *Páideia*, um programa para a perfectibilidade ou excelência. Trata-se de um mérito muito trabalhado, porque o conceito de *aretê* resume a vida de qualquer homem que procura, durante a sua curta existência, ser melhor não só face ao que foi no dia anterior, como também face aos outros.

Palavras-chave: *Aretê*, cultura clássica, pedagogia, Platão, Sócrates.

### ABSTRACT

This article underlines the importance of *aretê* as an educational ideal and cultural practice in the education of the individual. This article reaches back to classical culture and its historical and referential legacy, which is enjoyed in contemporary Western societies. One of the most striking episodes at the height of rationality in ancient Greece, the death of Socrates, was described by Plato in his dialogue, *Crito*, as the ideal pedagogy of the *aretê*. In this highly theoretical perspective, the best methodology to achieve the proposed goal is based on an exercise of reassessment, analysis, interpretation and understanding of various works of reference. The results of this reflective article are resumed essentially in the conclusion that *aretê* serves as an educational ideal and cultural practice, according to certain conceptual standards of

excellence. Thus, one of the greatest virtues of classical culture was to have noticed that Man can indeed be educated precisely because he can be changed. The possibility of changing is part of the *Paideia* project, a program for perfectibility and excellence. This is a much worked on virtue because the concept of *areté* summarizes the life of any man who seeks, during his short existence, to be better not only with respect to what he was the day before, but also with respect to others.

Key words: *Areté*, classical culture, pedagogy, Plato, Socrates.

\* Licenciado e doutor em Filosofia; licenciado e mestre em Ciências da Comunicação; Investigador de Pós-doutoramento; equiparado a assistente do 2º Triénio na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico da Guarda.

## 1. INTRODUÇÃO

Ao falar da *areté*, enquanto pedagogia ideal, não podia omitir um dos episódios mais exemplares de humanidade, sabedoria e respeito pelo Estado e pela sociedade como aquele que foi protagonizado por Sócrates ao aceitar passivamente a sua condenação à morte. Todavia, também não podia, ao falar da *areté*, deixar de reportar a fidelidade grega ao sentido que este conceito envolve. Por isso, começo por fazer um apuramento conceptual da *areté* para, depois, salientar o papel do próprio sujeito na obtenção e manutenção desse ideal de virtude ou excelência. Considero que o papel do próprio sujeito na procura das várias excelências da vida tem por referência a tradição poética e mítica de Homero. É por considerar a *areté* um desígnio pedagógico que a cultura clássica definiu um programa de educação primorosa. Um programa que permitisse formar os indivíduos segundo princípios normativos de excelência.

Na cultura clássica, Platão e Aristóteles apreciaram e divulgaram esses princípios normativos de excelência. Cada um dos quais através da sua respectiva perspectiva peculiar sobre a *areté* e sobre a figura que melhor encamou, praticou e fomentou nos outros esses princípios: Sócrates.

Efectivamente, Sócrates pode ser considerado um dos melhores representantes, praticantes e defensores da *areté*. Tanto que até na sua morte, tão mitificada como a sua própria vida, elevou sobre tudo a adesão à *areté*. Por conseguinte, considero que se pode retirar uma pedagogia da morte de Sócrates, tal como a mesma é descrita no *Criton* de Platão, e estabelecer um enfoque sobre a *areté* enquanto ideal pedagógico e prática cultural na formação dos indivíduos.

Nesta perspectiva, este artigo pretende sublinhar a importância e o papel que a *areté* pode desempenhar como ideal pedagógico e prática cultural na formação dos indivíduos. Para o demonstrar, reporto-me necessariamente à cultura clássica e ao legado histórico e referencial que as sociedades contemporâneas e ocidentais podem usufruir desse passado ancestral mitificado. Um passado mitificado que, tal como pode acontecer com Homero ou até com Sócrates, não exige que tenha ocorrido ou existido, mas apenas que cumpra um papel normalizador e orientador da acção humana. É esta uma das funções de um mito: orientar, descrevendo uma certa realidade (imaginada ou ficcionada) de uma determinada maneira profícua para as acções futuras.

A morte de Sócrates é, designadamente, um dos episódios mais marcantes do apogeu da racionalidade na Antiga Grécia, porque evidencia uma pedagogia ideal da *areté*. Nesta perspectiva eminentemente teórica, sigo uma metodologia simples, mas eficaz, porque facilmente conduz à prossecução do objectivo proposto. E essa metodologia baseia-se num trabalho de releitura, análise, compreensão e interpretação de várias obras de referência consideradas indispensáveis para a mencionada temática. Uma metodologia teórica e reflexiva para um exercício interpretativo das aporias próprias decorrentes de qualquer indagação do sentido das nossas acções e comportamentos sociais.

Os resultados deste meu artigo reflexivo resumem-se à conclusão subjectiva de que a *areté* serve como ideal pedagógico e prática cultural de um "Eu" que se limita conforme determinados padrões conceptuais de excelência. É por isto que considero que um dos maiores méritos da cultura clássica foi ter percebido que o Homem é educável porque o Homem é, precisamente, modificável. A possibilidade de modificar o Homem faz parte do projecto da *Paideia*, um programa para a perfectibilidade ou excelência. Trata-se de um mérito muito trabalhado, um trabalho de *Askésis*, porque o conceito de *areté* resume a vida de qualquer Homem que procura, durante a sua curta existência, ser melhor a cada momento que passa. Qualquer Homem que procura ser melhor tendo como motor dessa busca interior a excelência que não está no Homem, mas está fora do Homem, no exterior, e que, por isso, é acessível a todos os Homens.

## 2. COMO REPORTAR A FIDELIDADE À *ARETÉ* NA CULTURA CLÁSSICA?

\*Ante o mérito [*areté*], puseram os deuses o suor; longo e escarpado é o caminho que conduz até lá, e áspero a princípio; mas, depois de chegar ao cimo, em fácil se volve, por difícil que seja."  
(Hesíodo, *Trabalhos e Dias*, 287-92).

A pertinência da supramencionada epígrafe de Hesíodo reside na condensação de parte essencial do que pretendo dizer acerca do conceito de *areté*: primeiro, que para alcançar a *areté* é preciso "suor", esforço, trabalho, sacrifício, isto é, é exigido que seja percorrido um caminho difícil; segundo, que depois de percorrido esse caminho, há um merecido reconforto e uma diferente perspectiva sobre as dificuldades enfrentadas. Mas o conceito de *areté* remete para muitos

mais sentidos. Por isso, de um modesto trabalho de reflexão intitulado «A pedagogia ideal da *areté* na morte de Sócrates» é esperado que defina, primeiramente, o que se entende por tal termo. Este é, aliás, um dos objectivos para os quais me proponho. Mas não é o único nem, assim creio, o mais importante. Melhor do que definir *areté* é reportar a fidelidade àquilo que este conceito significa na antiga cultura clássica e como a própria morte de Sócrates representa exponencialmente essa excelência. Porquê?

Primeiro, porque *areté* representa a idealização de um projecto grego de educação humana, cuja herança foi recebida por muitas e variadas culturas, cada uma, por seu turno, adaptando-a à sua maneira e preservando-a ainda hodiernamente como valor absoluto. Segundo, porque *areté* constitui o que de mais honroso pode existir, em termos físicos ou psicológicos, num indivíduo: a sua excelência. Terceiro, porque o que seguramente está em causa ao falar de *areté* é algo de mais essencial no Homem, algo que não pode ser fixado em proposições (apesar de um conceito condenar para um discurso explicativo do significado) ou interiorizado pela fé, algo que, pelo contrário, deve ser experimentado, exercido ou, pelo menos, representado de forma ideal.

Por conseguinte, "Como reportar a fidelidade à *areté* na cultura clássica?" parece-me constituir a pergunta-chave desta reflexão. Ou então as suas derivações: "De que forma a cultura clássica grega valorizava o conceito *areté*?"; "Qual o papel da *areté* nos ideais de formação humana da Antiguidade Grega?"; "Ou então ainda, se não for usada nem pedante, de facto, a pretensão pela originalidade: "A que é fiel o herói da Antiga Grécia?"

### 2.1 APURAMENTO CONCEPTUAL DE *ARETÉ*

Antes de mais, passemos à identificação e compreensão do conceito. *Areté* designa a qualidade pela qual algo ou alguém se mostra excelente. Todavia, a definição/tradução de *areté* (*ἀρετή*) como "excelência", "perfeição", "superioridade", "mérito", "honra" ou "virtude" de qualquer tipo contribui para a reportagem da fidelidade deste conceito para os antigos gregos, na medida em que estabelece os pontos de partida e de chegada para a formação e orientação de um carácter ideal ou de uma estética existencial, isto é, remete para a concretização de um propósito de vida. Na Antiguidade Clássica, esse propósito de vida era formado e orientado pela busca da *areté*, pela procura em ser a melhor pessoa possível e em fazer um bem absoluto.

Este era, de resto, o objectivo principal que engrandecia o ideal de herói homérico e o requisito para a sua mitificação.

Por isso é que a raiz da palavra *areté* é a mesma que a das palavras compostas por "áristos" (*ἀριστο*, "o melhor" ou "o mais valente", superlativo de "agathós", *ἀγαθός*, o nobre, o aristocrata, o homem de valor, o que tem coragem – o melhor por cumprir o seu propósito ou função), que significa superioridade ou habilidade superlativa digna de nobreza. Nos poemas heróicos, como os de Homero, é adequado dizer que um homem é *agathós* se tiver valor, habilidade, isto é, coragem guerreira.

Todavia, o contexto de *areté* é exclusivo aos nobres, aos aristocratas. Como conceito que sublinha o carácter excepcional dos homens, a *areté* é, também, um conceito de excepção pelas qualidades que valoriza em apenas alguns homens. É uma forma de excepcionar a sociedade, porque a divide entre os que têm e os que não têm estirpe. No seu conjunto, este ideal de excelência excepcional não privilegiou sempre e apenas os nobres. Algumas práticas educativas da "Paideia" (*παιδεία*) democratizaram-se posteriormente. Por exemplo, os jogos olímpicos representam hoje um espectáculo popular muito mediatizado, que envolve todos os países e todos os estratos sociais. Todavia, o mesmo não aconteceu com a cinegética e o hipismo, que permaneceram práticas típicas da elite nobiliárquica.

## 2.2 O FACTOR DIVINO NA OBTENÇÃO E CONSERVAÇÃO DA ARETÉ

A *areté* é alcançada pelos humanos enquanto dádiva divina, mercê atribuída por direito, e a sua manutenção está sujeita às acções realizadas posteriormente (Homero, 2003: XVII, 322-3; 2005: XX, 242-3). O Homem grego buscou com avidez a excelência. Para isso, recebeu uma prestimosa formação de um preceptor. Todavia, tem consciência que a obtenção da *areté* também depende da protecção e benesse dos deuses: "Mas Zeus acrescenta ou diminui o valor dos homens, conforme lhe apraz, pois ele é o mais poderoso de todos" (Homero, 2005: XX, 242-43). E segundo a Primeira Ode Pítica de Píndaro, dos deuses vem todo o engenho que dá as qualidades (a *areté*) aos mortais. São os deuses que criam os homens como artistas, fortes de braços, ou eloquentes. E, assim como o divino atribui a *areté* aos humanos pelo mérito que estes demonstram, também a retira pelo factor inverso: "Zeus de voz potente retira metade do valor ao Homem, no dia em que a escravatura dele se apossa" (Homero, 2003: XVII, 322-3). O divino é, desta forma, também um factor que condiciona a obtenção da *areté* por parte do herói.

Há ocasiões propícias à revelação da *areté*. Por exemplo, pelo uso da força, quer das armas (qualidade física), quer das palavras (qualidade psicológica). Os campos de batalha e as assembleias são os cenários preferenciais em que são requisitadas determinadas qualidades de excepção aos humanos. Coragem, força, agilidade e destreza no primeiro caso; eloquência, temperança, justiça e persuasão no segundo caso (Homero, 2005: IX, 442-3; I, 488-92). A educação clássica favorece a exposição da excelência através de actos e de palavras.

## 2.3 AS ARETAI (EXCELÊNCIAS) HERÓICAS NA ILÍADA E NA ODISSEIA DE HOMERO

Se, nos poemas homéricos, a *areté* é principalmente atribuída aos heróis e nobres com particulares destrezas (coragem, força), a *areté* da *Ilíada* é distinta da *areté* da *Odisseia*. Nesta última, a concepção é mais ampla. E, de facto, o âmbito temático destes dois poemas é distinto: a *Ilíada* é uma epopeia de guerra (a de Tróia), onde se apresenta um cenário favorável à excelência guerreira desencadeada por uma ira funesta de Aquiles, o típico herói grego; a *Odisseia* é uma epopeia de *nostos* (de regresso, reencontro), propiciadora de excelências mais pacíficas.

Na *Ilíada* são narrados os atributos de Aquiles, o arquétipo da heroicidade grega que congrega todas as qualidades físicas e psicológicas indispensáveis. O conceito de *areté* liga-se à honra, ao valor humano. Neste poema, Fénix tenta convencer Aquiles a voltar para a guerra e a aceitar as desculpas de Agamémnon, lembrando que o seu papel de preceptor era fazer com que ele tivesse a excelência de um guerreiro e de um orador (Homero, 2005: IX, 439-43). Esta mencionada passagem da *Ilíada* reporta a ambivalência do conceito de *areté*.

Na *Odisseia*, a amplitude do conceito de *areté* abrange também qualidades estéticas, como acontece com a beleza (*kállos*) de Helena e Penélope, enquanto representação da excelência feminina (Homero, 2005: III, 146-60; 2003: XIX, 124-6). Na cultura grega do século V a.C., a *areté* estendia-se a vários domínios, desde a excelência de um cavalo até à excelência do quotidiano trabalho realizado em casa. Mas o significado de *areté* varia consoante o que é descrito, porque tudo possui ou deve possuir as suas próprias excelências.

#### 2.4 A ARETÊ NA PAIDEIA

Para a cultura clássica, a *aretê* constitui uma parte importante da *Paideia*. Por exemplo, a ascensão à idade adulta é conseguida à custa de um rigoroso treino de *aretê*, que inclui exercícios físicos (em ginásios criados pelos próprios gregos) e exercícios mentais (oratória, retórica). A *aretê* é fundamental para o projecto de educação da Antiga Grécia, estando a palavra ligada a um modo peculiar de pensar a educação. Trata-se literalmente de um projecto, porque se constrói uma estrutura de formação que aspira à realização do "verdadeiro Homem" (o autêntico, o humanista). No campo de batalha, entre os inimigos, ou na assembleia, entre os seus, o Homem procura sempre realizar-se como herói, alcançar a honra e a glória, superando os seus congéneres e a si mesmo.

Mas, se o que é bom e excelente nasce com as pessoas, o que as torna nobres, então, para que serve a *Paideia* como método educativo para ascensão a uma vida melhor? Pode, realmente, a *aretê* ser ensinada? A *aretê* é uma ou múltipla? Pode uma pessoa manifestar *aretê* num domínio e não em outro? Estas perguntas não se colocam no tempo de Homero, mas posteriormente, no auge do uso da racionalidade do século V a.C. Todavia, têm total ensejo.

Este projecto da *Paideia* define a maneira e o momento em que o Homem atinge a sua *aretê* e qual é, entre as várias formas em que esta se pode revestir, a ideal ou mais adequada. No período helénico (das origens heróicas até à conquista da Grécia por Filipe da Macedónia, no fim do século III a.C.) a ideia de *aretê* era valorizada como formação ideal do Homem na polis, depois, como excelência. Neste longo período, a *aretê* era valorizada em função de algumas referências ou realizações: a excelência do sangue, da classe social, das posses materiais; a excelência do ideal educativo; a excelência do culto da *soma* pela força e pela beleza (o vigor e a saúde são exemplos da *aretê* do corpo); a excelência dos cuidados com o *ethos* e a *psyche* através da coragem (a sagacidade e temperança são exemplos da *aretê* do espírito). É conhecida a passagem da *Ilíada* em que Diomedes diz: "Mandou-me para Tróia, recomendando-me com insistência que fosse sempre valente [*aretê*] e superior aos outros, a fim de não envergonhar a linhagem paterna, a mais conceituada em Éfira e na vasta Lícia" (Homero, 2005: VI, 207-10). É necessário ser sempre o melhor e, por conseguinte, superar os outros.

#### 3. A PEDAGOGIA DA MORTE DE SÓCRATES NO *CRÍTÓN* DE PLATÃO

O conceito de *aretê* esteve sujeito a um natural processo de evolução. Num patamar político-ético, no século IV a.C., o conceito foi tratado de forma fundamental por Platão e Aristóteles. Apesar das perspectivas, Platão e Aristóteles exploraram e discutiram a *aretê* como tema filosófico e condição essencial para o Homem.

Na perspectiva de Platão, designadamente em *A República*, a *aretê* é discutida com a ideia de justiça (isto é, a *aretê* de justiça). Coloca-se a questão de saber se é mais vantajosa a injustiça ou a justiça. Para Platão, cada coisa tem uma *aretê* própria a cumprir (Platão, 2001:353b). Porque existem muitas coisas é que existem muitas *aretai*. Por exemplo, o cavalo tem uma função (*érgon*) que lhe é própria, precisamente aquela que apenas ele pode fazer (de forma perfeita) com força, velocidade, firmeza, etc. A diversidade de *aretai* coloca vários problemas: Um homem pode ser excelente numa *aretê* e não noutra? É possível possuir todas as *aretai* atinentes ao Homem? Uma pessoa pode ser sábia (*aretê* do conhecimento) e cruel ou injusta (as antíteses das *aretai* da bondade e da justiça)? Conforme se depreende, com Platão, a ideia de *aretê* ainda é aplicada em sentido amplo e não estritamente moral.

Mas Platão vai mais longe na discussão sobre a *aretê* e questiona vários aspectos: É possível prejudicar alguém na sua *aretê* particular? O que permite ao Homem cumprir o seu *érgon* da forma mais perfeita possível? Como conhecer as *aretai* do Homem? Qual é a maior ou a melhor *aretê*? Como se verifica o processo de interiorização da consciência moral? As *aretai* são ensinadas, são dons naturais ou são graças divinas? Esta última questão já tinha sido colocada por Homero, mas Platão tem o mérito de facultar um campo de profunda reflexão filosófica sobre a dita questão. De acordo com Platão, o problema dilui-se se as *aretai* constituírem conhecimentos e, por conseguinte, se surgirem como susceptíveis de serem aprendidas.

Assim, da concepção política da *aretê* como "justiça" em Platão se configura a concepção ética da *aretê* como "virtude" em Aristóteles. Com este *estagirita*, torna-se mais frequente usar "virtude" em vez de *aretê*. Mas não é de natureza ética nem política o sentido original de *aretê*. Na perspectiva de Aristóteles, o bem é o alvo da felicidade e é alcançado com a prática das excelências. Ninguém nasce com *aretai*, nem aprende de forma teórica o que elas são. Todavia, o Homem incorpora, ao longo da vida, uma disposição para a *aretê*. Com o treino,

o tempo, a regularidade e a disciplina, o Homem pode ser uma pessoa de bem.

A conotação ética da *areté* adquire relevância a partir de Sócrates, cuja aceitação da condenação à morte é testemunhada como excelência [*areté*] de carácter por Platão no *Críton*. A conotação ética da *areté* adquire relevância a partir de Sócrates, cuja aceitação da condenação à morte é testemunhada como excelência [*areté*] de carácter por Platão no *Críton*. Este diálogo platónico, um dos que se reporta à condenação e morte de Sócrates, tem um carácter biográfico e insere-se num primeiro período da obra de Platão dedicado à defesa da Filosofia como modo de vida e como indagação e procura da excelência, isto é, da *areté*.

No diálogo platónico, Críton reconhece a sua inércia no julgamento de Sócrates, que foi condenado e encarcerado. *Críton*, interlocutor e amigo de Sócrates, propõe a fuga deste. Todavia, Sócrates considera racionalmente a proposta à luz das leis de Atenas. Consciente das consequências decorrentes do incumprimento das leis, toma-se claro que Sócrates não aceite a proposta da fuga e, pelo contrário, que espere a morte como um bem. Segundo o *Críton*, Sócrates aceitou a morte depois de ponderar as razões para uma possível fuga da prisão. Os princípios sobre os quais assenta a sua ponderação são: i) devemos aceitar sempre as leis do Estado; ii) devemos respeitar os nossos compromissos; iii) não devemos prejudicar a *polis*. Destes três princípios, Sócrates conclui que deve aceitar a morte em vez de fugir.

Mas, qual o sentido e a finalidade do comportamento do Sócrates platónico? São o sentido e a finalidade dos princípios éticos, que devem prevalecer sobre eventuais benefícios pessoais decorrentes da sua fuga.

Já na Apologia de Sócrates, Platão apresenta o seu ideal pedagógico dos seus primeiros diálogos. E esse ideal pedagógico está subjacente à disputa pela excelência. Uma disputa entre Sócrates, o protagonista das obras de Platão, e outros interlocutores que servem para a demonstração do ideal pedagógico, ou seja, uma disputa entre a sabedoria socrática virtuosa para a humanidade e a sabedoria viciosa. Mas esta disputa assenta num tópico claro e presente em todos os diálogos de Platão: a *areté*. É a *areté* o padrão ideal do comportamento de Sócrates que, por conseguinte, serve de modelo para todos os gregos e para todas as pessoas. A *areté* funciona como norma reguladora dos comportamentos sociais. Um ideal de vida pautado pela *areté* desde a tradição poética homérica. Neste enquadramento, a *areté* é a capacidade de realizar ou concretizar o bem sobre as mais

variadas situações.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A *ARETÉ* COMO IDEAL E PRÁTICA DE UMA "CULTURA DO 'EU'"

De Homero a Aristóteles, o conceito de *areté* é de extrema e intemporal importância quer para a história cumulativa das ideias quer para a cultura clássica que ainda hoje manifestamos como herança. É o expoente da cultura do "Eu", uma cultura que forma os sujeitos consoante determinados padrões conceptuais. O Homem é como a Natureza, como uma árvore que pode ser adaptada a certos contextos, que pode ser transplantada. O Homem é como o barro, porque pode ser manuseado e moldado. O Homem é educável, corrigível na sua psicologia e no seu físico. A uma árvore que nasce torta, colocamos uma *regula recti*, uma estaca, uma prótese ortopédica que previne e corrige deformidades físicas.

Um dos méritos da cultura clássica foi ter percebido, desde sempre, que o Homem é educável, porque, precisamente, é modificável. A possibilidade de modificar o Homem faz parte do projecto da *Paidéia*, um programa para a perfectibilidade ou excelência. Trata-se de um mérito muito trabalhado, porque o conceito de *areté* resume a vida de qualquer homem que procura, durante a sua curta existência, ser melhor não só face ao que foi no dia anterior, como também face aos outros. Efectivamente, esta caminhada para a *areté*, para a excelência ou perfeição, não tem um fim em si mesma. Nunca se atinge o grau máximo de excelência ou de perfeição, mas apenas o grau máximo de excelência de uma dada existência. A caminhada apenas leva para uma direcção, como se essa direcção tivesse um fim. Mas não tem. A caminhada é irreversivelmente interrompida com a morte.

Esta morte é o que ajuda a responder à pergunta "A que é fiel o herói da Antiga Grécia?" Para se mitificar, o conceito de *areté* associa-se também a um momento culminante da gloriosa existência: a morte do herói. A morte depois dos grandes feitos. A morte redentora e conciliadora com o destino. A morte como expressão da identidade reduzida numa só acção, precisamente a última, a do fim. Enquanto não morremos, a nossa identidade não está completa. A morte é imprescindível. É o que falta para perpetuar a *areté* como arquétipo. É o factor que permite a mitificação do herói e da sua *areté*. Com o herói homérico, tenta-se exprimir de uma só vez toda a sua acção. A morte

tem duas funções: serve para exprimir a singularidade do indivíduo e serve para ser lembrada na memória colectiva. Todavia, existe um lado menos positivo da solução existencial do herói homérico: ter uma vida curta e violenta, porque a vida não tem valor absoluto e supremo. A ideia de que a vida deve ser vivida com perigo é, segundo os pressupostos para o herói homérico, uma necessidade, porque o perigo é essencial ao grande feito. Sem riscos e perigos não se percorre o caminho da excelência.

Aquilo a que é fiel o antigo herói grego para se mitificar é a *aretê*, a glória dos feitos (duráveis e grandiosos para serem lembrados) e, por fim, a morte. Paradoxalmente a morte, porque esta representa a necessária cristalização da *aretê* e da heroicidade dos feitos; porque ninguém se pode considerar *eudaimon* ("bem-aventurado", "bem-estar duradouro do *daimon* do homem" e não "feliz" ou "beatificado", como é costume) antes de morrer. Na tradição latina, as palavras proverbiais de Ovídio (1989: III, 136) talvez nos ajudem a identificar e a compreender o problema que relaciona a *aretê* e a morte: *nemo ante mortem beatus* ("ninguém é feliz antes de morrer")<sup>1</sup>. Assim é a história, só pode ser conhecida e percebida depois de chegar ao fim. Este preceito terá inspirado a prática católica de só beatificar os santos depois de mortos.

A essência humana, que constitui cada um como é, apenas passa a existir depois que a vida acaba, mas legando atrás de si uma história. Quem pretende, de forma consciente, ser "essencial", deixar atrás de si uma história e uma identidade que merece ser mitificada pela fama imortal, deve ter *aretê*, ariscar a vida realizando feitos heróicos e morrer. Deve fazer como Aquiles: optar expressamente por uma vida curta e uma morte prematura. Porque só o Homem que não sobrevive ao seu acto supremo é senhor incontestável da sua identidade e da sua eventual grandeza, na medida em que se retira, através da morte, do seguimento e das consequências das suas acções.

<sup>1</sup> Estas famigeradas palavras de Ovídio aparecem em diferentes versões. Por exemplo, *Ante obitum nemo beatus* ou *Ante obitum nemo beatus dici potest*. Apesar de eu usar no texto uma versão sintética (*nemo ante mortem beatus*), parece-me mais credível a versão: [ ] *sed sollicita ultima semper expectanda dies homini est, dicique beatus ante obitum nemo supremaque funera debet* ("mas sempre temos que esperar até ao último dia da vida de um homem e ninguém deve considerar-se feliz antes da morte e do funeral"). Esta é a fonte literária, se considerarmos a *Metamorphoses* de Ovídio (editada por W. S. Anderson, Stuttgartiae: Teubner, 1996, p. 58), que relata a história de Cadmus, tão interessante como impertinente para este trabalho sobre o conceito de *aretê*.

"Morre jovem o que os deuses amam", assim interiorizou Fernando Pessoa a morte (na forma audaciosa e serôdia de suicídio) de Mário de Sá Carneiro. Mas este arquétipo de acção heróica é eminentemente individualista; sublinha o anseio de auto-revelação à custa de tudo e de todos.

O que transforma a história de Aquiles como fiel paradigma da *aretê* é a revelação do preço da *eudaimonia* da *aretê*, que é a própria vida. A *aretê* é conquistada e revelada em vida, mas, para ter consequências benéficas no Homem, a *eudaimonia* tem que ser garantida com a renúncia à continuidade da existência. É preciso condensar toda a existência com *aretai* num único feito, de forma que a história do acto heróico termine ao mesmo tempo que a vida.

O verso de Hölderlin "O que perdura, porém, fundam-no os poetas" (de um poema auspiciosamente intitulado «Recordação») é considerado como uma das palavras condutoras da própria poesia. A essência da poesia é a fundação do que é permanente através da (e na) palavra. O que é permanente é salvo da voracidade do tempo. Confiado o destino aos poetas, estes nomeiam os deuses para assegurar o permanente. Porque o que perdura não pode ser criado a partir do efémero e o anseio pela imortalidade é próprio do que é divino.

Reportada por Homero, sobretudo na *Ilíada*, a história de Aquiles, de há cerca de quatro séculos antes, concorre para a *eudaimonia*, para a mitificação, mas está sujeita ao poeta, historiador e contador de histórias. Sem Homero a desempenhar este papel, tudo o que Aquiles fez, enquanto único herói ou o herói por excelência, teria sido em vão. Homero tem nas mãos o significado da história de Aquiles. História feita quer pelo próprio herói, quer também por Homero, enquanto educador de toda a Hélade, conforme testemunha, entre outros, Xenofonte no *Banquete*. Também Aristófanes exalta em Ésquilo o papel dos poetas, cuja utilidade é exemplificada com a honra e a glória que Homero foi buscar no "facto de ter ensinado coisas úteis", como as *aretai*.

Um empreendimento grandioso como a Guerra de Tróia podia ser esquecido, sem que um poeta o imortalizasse. O estímulo de Homero era emergente. O que permanece na memória colectiva da humanidade como *aretai* de Aquiles deve-se ao poeta. Todavia, da ambígua definição do conceito de *aretê* permanece a dúvida sobre como conservar uma fidelidade, sem nunca a formular explícita e publicamente. Isto é, como ser fiel a um ideal sem o declarar às outras pessoas como se tratando de algo que se segue com íntima e vital fidelidade? Como impedir que uma *aretê*, que nos transforma

totalmente naquilo que devemos ser, seja percebida pelos outros? Se nós somos a própria excelência da *areté*, somos conhecidos pelo que "em nós e por nós" fala a *areté*. É neste sentido místico e paradoxal que a morte de Sócrates pode ser entendida como o triunfo da *areté*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES (1992), *Ética de Nicomaque*; Flammarion, Paris.  
 HÖLDERLIN, Friedrich (1991), *Poemas*; Relógio d'Água, Lisboa.  
 HOMERO (2003), *Odisseia*; Cotovia, Lisboa.  
 HOMERO (2005), *Ilíada*; Cotovia, Lisboa.  
 JAEGER, Werner (1979), *Paideia – A Formação do Homem Grego*; Herder, São Paulo.  
 OVÍDIO (1989), *Les Métamorphoses*; Flammarion, Paris.  
 PEREIRA, Maria H. da Rocha (2005), *Hélide – Antologia da Cultura Grega*; Edições Asa, Porto.  
 PLATÃO (1988), *Apologia de Sócrates*; Guimarães Editores, Lisboa.  
 PLATÃO (2001), *República*; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.  
 PLATÃO (2002), *Criton*; Edições 70, Lisboa.  
 SÁ-CARNEIRO, Mário de (1993), *Loucura*; Estante Editora, Lisboa.

## SOBRE O CANTO CISTERCIENSE DAS MONJAS DO ANTIGO MOSTEIRO DE S. BERNARDO EM PORTALEGRE: UMA ANÁLISE MUSICAL

THE CISTERCIAN CHANT OF THE NUNS OF THE ANCIENT MOSTEIRO  
DE S. BERNARDO IN PORTALEGRE: A MUSICAL ANALYSIS

Susana Maria Maia Porto\* ([susana.porto@sapo.pt](mailto:susana.porto@sapo.pt))

## RESUMO

O presente artigo resulta da análise e caracterização da vida musical das monjas da Ordem de Cister do antigo Mosteiro de S. Bernardo em Portalegre, através de um documento impresso nos séculos XVII e XVIII, sensivelmente, conclusão que se deve aos caracteres apresentados. A investigação fundamenta-se na analogia entre os cânticos da única fonte musical pertença ao mosteiro e os princípios do cantochão, de forma comparativa e contextualizada. A autora apresenta um primeiro estudo efectuado sobre o documento em análise e propõe novos caminhos a futuros investigadores.

Palavras-chave: Canto Gregoriano, Canto Cisterciense, Ordem de Cister, Mosteiro de S. Bernardo, Portalegre.

## ABSTRACT:

This article is based on the analysis and description of the musical life of the Cistercian nuns of the ancient Monastery of St. Bernardo in Portalegre, derived from a document printed most likely in the 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries, based on its characters. The research is based on the analogy between the Gregorian chants of the only musical source belonging to the monastery and the principles of plainchant, or plainsong, in a comparative and contextualized sense. The author presents an initial analysis of the document and recommends new directions for further investigations.

Keywords: Gregorian chant, Cistercian chant, Cistercian Order, Mosteiro of S. Bernardo, Portalegre.